

PALIMPSESTO DE AGRESSÕES COTIDIANAS:  
A ESTRUTURA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM ELVIRA VIGNA

JÉSSICA ANTUNES FERRARA (DOUTORANDA)  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil  
(j.antunesferrara@gmail.com)

Dra. SILVINA LILIANA CARRIZO  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil  
(silvinalit@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo objetiva discutir a figuração da violência de gênero na obra *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), de Elvira Vigna. Será dado foco à expressão menos observável dessa violência, a saber, a violência moral ou psicológica, que se apresenta de maneira estruturada e naturalizada em nossa sociedade. Com base nas postulações teóricas de Rita Laura Segato (2003), pretende-se efetuar um diálogo entre literatura e sociedade, de modo que se possam compreender as estruturas hierárquicas que regulam os sujeitos e como tais estruturas aparecem no texto literário. Para além disso, procura-se destacar na obra a rearticulação das afetividades que se apresenta enquanto alternativa ao chamado sistema de *status*.

Palavras-chave: Violência de gênero; Atos simbólico-violentos; Sistema de *status*; Elvira Vigna.

Artigo recebido em: 27 maio 2019.  
Aceito em: 05 jul. 2019.

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 03 set. 2019.

## PALIMPSESTO DE AGRESIONES COTIDIANAS: LA ESTRUCTURA DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO EN ELVIRA VIGNA

RESUMEN: El presente artículo objetiva discutir la figuración de la violencia de género en la obra *Como se estiviésemos em palimpsesto de putas* (2016), de Elvira Vigna. Aquí se dará foco a la expresión menos observable de esa violencia, a saber, la violencia moral o psicológica que se presenta de manera estructurada y naturalizada en nuestra sociedad. Con base en las postulaciones teóricas de Rita Laura Segato (2003) se pretende llevar a cabo un diálogo entre la literatura y la sociedad de manera que se puedan entender las estructuras jerárquicas que regulan los sujetos y cómo aparecen estas mismas estructuras en el texto literario. Además, se busca destacar en la obra la rearticulación de las afectividades que se presenta como alternativa al llamado sistema de estatus.

Palabras clave: Violencia de género; Actos simbólico-violentos; Sistema de estatus; Elvira Vigna.

Conforme avançam os estudos acerca da literatura contemporânea produzida no Brasil, se tornam mais notáveis a variedade de problemas que pululam o campo literário nacional desde sua estruturação. É preciso destacar, antes, que a organização de nossa sociedade repousa em um esquema de hierarquias determinadas por marcadores sociais como gênero, classe e raça, os quais incidirão na formação de todo o campo social, e, para além, os campos que dele emergem, como é o caso do campo literário (BOURDIEU, 2005, p. 261). A partir desses marcadores, vê-se quem está em condição social de produzir, consumir e legitimar obras, bem como quais grupos se encontram excluídos ou em posições subalternas dentro dos campos. Disso, depreende-se que a formação e a manutenção do modelo de funcionamento do campo literário encontram correspondência direta com o sistema observado dentro do campo social, fato que demonstra a relação intrínseca entre os campos. Pierre Bourdieu (2005) afirma que, nos primórdios de constituição do campo literário, havia forte tendência de que as posições ocupadas pelos sujeitos no campo social se repetissem no campo que despontava. De acordo com a tese do sociólogo, “estando mais ou menos igualmente providos de capital econômico e de capital cultural, os escritores

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

saídos das posições centrais no seio do campo de poder [...] parecem predispostos a ocupar uma posição homóloga no campo literário” (2005, p. 105-106). Da mesma maneira, aqueles que ocupavam posições desprestigiadas repetiriam essas condições no campo literário, o que quer dizer que o reconhecimento e o prestígio das produções se encontravam em dependência principal de fatores econômicos, raciais, geográficos e de gênero. Assim, homens, brancos, burgueses e europeus – ou advindos da região sudeste quando o debate encobre apenas o campo literário brasileiro – detêm o capital simbólico cultural, o que os fazem despontar dentro do campo. Enquanto isso, os demais grupos lutam por uma legitimação que também não veem no campo social, e daí a imensa dificuldade em se fazerem ouvir seja em qual campo for. O silenciamento de determinados grupos prefigura, então, o primeiro ponto violento que aparece nas literaturas; a estrutura de formação dos campos cala, violenta.

No Brasil, assim como em todo o contexto latino-americano, as posições dentro do campo literário possuem raízes na exploração europeia, cujas consequências, como o analfabetismo e a colonização das letras, interferiram de forma direta na formação, organização e funcionamento do campo. Segundo Ángel Rama, em *A cidade das letras* (2015, p. 56), tais razões mostram o quão condicionadas estavam a produção cultural local à língua e à cultura dos exploradores. O grupo que constrói o campo literário latino-americano é notavelmente composto por herdeiros e detentores dessa cultura dominadora, além de serem, em sua maioria, homens, brancos e representantes das classes privilegiadas. É um problema que não se resolve com a independência territorial. Há, ainda, a permanência de uma colonização nas estruturas, de caráter epistêmico, que marginaliza produções díspares daquelas resultantes do trabalho desses grupos seletos.

Tal cenário se traduz em disputas por manutenção ou transformação do *status* que o sustenta, e conforme as reivindicações por uma reestruturação no campo social ocorre, o campo literário começa a encontrar necessidade de corresponder a essas demandas. Daí que, voltando a Bourdieu, “uma revolução bem-sucedida, em literatura ou em pintura [...], é o produto do encontro entre dois processos, relativamente independentes, que ocorrem no campo e fora dele” (2005, p. 286). Sendo as relações de poder entre gêneros – as quais oprimem as mulheres e os corpos feminizados – uma estrutura que encontra sua base no campo social, a mudança no prestígio do gênero feminino dentro do campo literário depende da transformação dessas mesmas relações na sociedade. A partir da Revolução Francesa e levantes posteriores, o feminismo ocidental tomou forma enquanto movimento social, político e intelectual (MIGUEL, 2014, p. 19-20) e, na América Latina, foi no século XX que se encontrou um ambiente propício para o desenvolvimento das pautas

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

feministas – e também antirracistas e anticapitalistas – específicas do contexto de cada país (FERRARA, 2019, p. 34). Desde então, as lutas dentro do campo literário se tornaram mais enfáticas e mais visíveis, pois encontraram significativa reverberação social. Grupos outrora silenciados viram um caminho na produção artística que, em sua própria estrutura, começou a remodelar as perspectivas estéticas e temáticas normativas. A violência que se faz presente na tentativa do silenciamento das mulheres na formação e funcionamento do campo literário, nesse sentido, atua de maneira estruturante dentro das obras, e uma desarticulação das relações de poder na obra literária se ancora na desarticulação possível no campo social. Dito isso, compreende-se que os feminismos não apenas permitiram a inserção, ainda inacabada, das mulheres no campo literário mundial e brasileiro – e uma consequente maior luta pela legitimação de seus discursos –, mas também viabilizaram a exposição dos pontos de vistas plurais das mulheres enquanto sujeitos, considerando suas interseccionalidades de raça, sexualidade e classe.

A literatura contemporânea brasileira, que é onde compreendemos a produção de Elvira Vigna, ainda se encontra inserida em um sistema de hierarquizações que privilegia o discurso de determinados grupos sociais, embora a resposta daqueles que buscam por legitimação seja maior (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 6). A importância em analisar e trazer ao centro do debate literário obras de autoria feminina se encontra na possibilidade de dar voz e legitimar o ponto de vista das próprias mulheres em relação ao mundo e em relação a assuntos que tocam diretamente sua situação de opressão dentro das relações de gênero. É nesse sentido que empreendemos a leitura de *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), literatura esta que desafia a organização do campo não apenas pela autoria feminina – considerando o domínio masculino –, mas principalmente pela estruturação do texto, cuja linguagem e afetos são reformulados em um cenário que possibilita a crítica contundente de um sistema de *status*<sup>1</sup> que sustenta as relações díspares entre gêneros na sociedade.

---

<sup>1</sup> A ordem ou sistema de *status* é o processo de naturalização e normativização da sujeição da mulher perante o homem e, em algumas leituras, é entendida como sinônimo de patriarcado – admitido em seu sentido literal, que seria o do poder paterno. Compreendemos, a partir das teses apresentadas por Carole Pateman em *O contrato sexual* (2008), que a ordem de *status* não se finda com o enfraquecimento do regime paterno. Nas sociedades modernas, o direito paterno foi substituído pelo governo civil, o qual se constrói a partir de uma ordem de contrato social que trata sobre o direito político e suas legitimações, e é comumente apresentada como um sistema de liberdades individuais. O patriarcado, quando é entendido estritamente como regime paterno, estaria, com esse contrato social, findado. Porém, a sociedade não é organizada de maneira tão simples, e o contrato original tem um outro lado, que é o sexual. A dominação dos homens sobre as mulheres, o direito político deles sobre elas, o acesso sistemático deles sobre os seus corpos etc., permanece e se reitera

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

## ENTRELINHAS, ESTRUTURAS E VIOLÊNCIAS NÃO-OBSERVÁVEIS

A antropóloga e feminista argentina Rita Laura Segato, na introdução de *Las estructuras elementales de la violencia* (2003), postula que aquilo que conhecemos como relações de gênero correspondem a uma estrutura patriarcal que rege toda a nossa sociedade, e da qual emerge a violência de gênero. Essa violência, comandada por uma ordem de *status* simbólica que constrói e mantém hierarquias, se realiza tanto em suas formas mais observáveis, que são o estupro e o feminicídio, até práticas imediatamente imperceptíveis, mas que servem justamente para sustentar o sistema e manter as mulheres e os corpos feminizados em estado de opressão. Assim, seria necessário

investigar através de representações, ideologias, discursos cunhados por culturas e práticas de gênero, a fim de acessar a economia simbólica que instala o regime hierárquico e o reproduz. O patriarcado, nome que recebe a ordem de *status* no caso de gênero, é, portanto, uma estrutura de relações entre posições ordenadas hierarquicamente que tem consequências no nível etnográfico observável, mas que não se confunde com esse nível factual, nem as consequências são lineares, causalmente determinadas ou sempre previsíveis. (SEGATO, 2003, p. 14, tradução nossa<sup>2</sup>)

Ou seja, as consequências do patriarcado não são todas observáveis, muito menos previsíveis. Quando Segato fala sobre a necessidade em se investigar as representações, as ideologias e os discursos produzidos pelas culturas e pelas práticas de gênero, pensamos na crítica literária enquanto uma prática possível de “desmascaramento”, já que através da leitura das obras – que são, em si, essas representações e esses discursos – é possível

---

diariamente. Nas palavras de Pateman, “o patriarcado deixou de ser paternal há muito tempo. A sociedade civil moderna não está estruturada no parentesco e no poder dos pais; no mundo moderno, as mulheres são subordinadas aos homens enquanto homens, ou enquanto fraternidade. O contrato original é feito depois da derrota política do pai e cria o patriarcado fraternal moderno” (2008, p. 18).

<sup>2</sup> “[...] escudriñar a través de las representaciones, las ideologías, los discursos acuñados por las culturas y las prácticas de género para acceder a la economía simbólica que instala el régimen jerárquico y lo reproduce. El patriarcado, nombre que recibe el orden de estatus en el caso del género, es, por lo tanto, una estructura de relaciones entre posiciones jerárquicamente ordenadas que tiene consecuencias en el nivel observable, etnografiable, pero que no se confunde con ese nivel fáctico, ni las consecuencias son lineales, causalmente determinadas o siempre previsibles” (SEGATO, 2003, p. 14). Toda tradução da língua espanhola para a língua portuguesa será de nossa autoria.

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

acessar a economia simbólica de determinada cultura, essa mesma economia simbólica que constrói hierarquias e as reproduz.

Nesse sentido, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016) se destaca enquanto uma produção literária que figura a economia simbólica que gere as relações de gênero na sociedade brasileira contemporânea. É preciso ainda, antes de entrarmos na leitura analítica do texto, assinalar as particularidades da experiência de gênero que aparecem na obra, posto que é necessário considerar as múltiplas interseccionalidades que convergem para a estruturação de posições privilegiadas e marginalizadas. A protagonista Lola, por exemplo, ocupa uma localização de privilégio dentro do conjunto “mulheres”. Conforme destaca Vigna, “Lola é alourada como o pai. É alta, magra e loura” (2016, p. 105), fato que garante com que Lola experiencie seu gênero de uma forma que a caracterize como socialmente menos vulnerável do que outras mulheres, já que a produção do gênero – e sua consequente vivência – ocorre de modo racializado e “atende a uma dinâmica de classe” (BIROLI, 2018, p. 23). Chamamos atenção para este fato por compreendermos que ainda que nossa leitura seja direcionada para um tipo de violência estrutural que atinge todas as mulheres, ela jamais as afeta de maneira homogênea, visto que raça e classe são fatores que determinam posições de privilégios e desvantagens dentro do sistema patriarcal. Existe, portanto, uma diferença entre as experiências de Lola – que é violentada moralmente pelo companheiro João, protagonista dos relatos da narradora – e as das prostitutas que aparecem na narrativa, essas sim em estado de maior vulnerabilidade social, violentadas moralmente de maneira institucionalizada. Elas aparecem como mulheres pobres, de periferia, nordestinas, negras, velhas etc. Por isso, também deve ser feita uma leitura atenta da violência que acomete o próprio grupo de mulheres, não generalizando e não tornando invisíveis as experiências daquelas que se encontram em maior estado de marginalização. O que nos leva a essa reflexão é a própria organização do texto, na qual a narradora, em estilo indireto, traz os relatos de João, a representação do homem genérico<sup>3</sup>.

A narrativa de Elvira Vigna é construída a partir das histórias de Lola e João, contadas através da voz de uma narradora-personagem, em primeira pessoa, cujo nome não sabemos. João trabalha em um escritório de uma editora junto à narradora que, diante dos traços deixados pelo colega ao

---

<sup>3</sup> A experiência do gênero masculino é também variável e se constrói de maneira racializada, além de considerar elementos de classe e sexualidade. A vulnerabilidade social a qual homens negros estão expostos dentro da divisão sexual do trabalho, por exemplo, é maior do que a de mulheres brancas, conforme aponta a cientista política brasileira Flávia Biroli (2018, p. 40). Aqui, fizemos referência a um *homem genérico* do ponto de vista da simbologia da dominação masculina, na qual as mulheres não-brancas, pobres, velhas etc. se encontram em condição de extrema invisibilidade.

contar-lhe fatos de sua vida, completa a trajetória dos homens e das mulheres que parecem breves e imperceptíveis para ele. Lola se constrói enquanto protagonista através dessa mesma narradora-personagem. Para João, Lola não passa de sua esposa, ou ex-esposa ao final. É aquela que narra que não deixa Lola ser silenciada por ele e pela estrutura patriarcal, estrutura essa que constrói o discurso e a experiência masculina enquanto fatores universais, principais. As prostitutas que sucedem uma a outra como se objetos descartáveis fossem aos olhos de João, assim como no caso de Lola, têm suas posições socialmente marginalizadas desarticuladas pela narradora, que às vezes se detém em seus casos e em suas histórias pessoais. Assim, no texto de Vigna, as prostitutas são afastadas da marginalização social na medida em que a narradora as situa em eixos centrais do texto literário. Ademais, a própria narradora se inscreve em palimpsesto<sup>4</sup>, posto que não vê sua subjetividade reconhecida por João; ela mesma se encontra inserida na economia simbólica que procura apagar e, com esse apagamento, violentar a existência e experiência das mulheres. É o que se dá nas reflexões da narradora: “Vem por cima de todas as outras. Lola incluída aí. Eu também. Nenhuma de nós de fato com uma existência separada. Só traços sobrepostos, confusos, não claros. Como se estivéssemos, todas nós, num palimpsesto” (VIGNA, 2016, p. 178).

Para chegar a essa reflexão, pequenas agressões cotidianas, as quais não são imediatamente identificáveis, ocorrem no decorrer da narrativa. Agressões essas que se ancoram em um simbólico que regula a prática. Segundo Segato (2003), existe o nível simbólico do patriarcado, aquele dos discursos ou representações (isto é, as concepções de gênero vigentes em uma sociedade) e o nível das práticas. Para ela, “o discurso cultural sobre o gênero restringe, limita, enquadra as práticas” (SEGATO, 2003, p. 15)<sup>5</sup>. Em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016) nos deparamos com o questionamento, a partir da perspectiva da narradora-personagem, desses discursos e representações que enquadram a experiência de gênero; a narrativa explicita-nos a estrutura simbólico-patriarcal que gere as relações de gênero em conversas e atitudes diárias, normalizadas e naturalizadas. Desde o início do texto somos interpeladas e interpelados com cenários de desdém ou desprezo às subjetividades das mulheres. Ocorre isso quando João ri da

---

<sup>4</sup> Palimpsesto se refere a um pergaminho ou papiro que tem seu texto anterior apagado para que se possa reutilizá-lo na escritura de outro texto. No contexto da obra, o termo é utilizado como metáfora das relações de poder evidenciadas nos contatos de João com outras mulheres.

<sup>5</sup> “El discurso cultural sobre el género restringe, limita, encuadra las prácticas” (SEGATO, 2003, p. 15).

intenção de Lola iniciar um curso. Os fatos são então apresentados pela narradora:

Lola fica sentada no sofá. Estofado.

“Mas e se sujar?”

“Existe estofador pra isso mesmo, pra reestofar o sofá.”

*Ela não tem muito o que fazer.*

Depois de muitos meses no sofá, João iniciando suas viagens pela firma, ela fala, o coração aos pulos, que está com vontade de fazer um cursinho de corretagem de imóveis. Soube de um.

*João ri.*

“Corretora?!”

*Ela baixa os olhos, cora.*

“Não sei se vou gostar.”

(VIGNA, 2016, p. 20, grifos nossos).

Em um simples diálogo como esse podemos perceber uma infinidade de elementos simbólicos que sustentam a violência moral de gênero, ratificada pela estrutura da cultura, da ordem de *status* que gere as relações de gênero. A violência moral ou psicológica é aquela violência que se encontra “no centro da cena da reprodução do regime de *status*, tanto no caso da ordem de gênero quanto no da ordem racial” (SEGATO, 2003, p. 17)<sup>6</sup>. Esse tipo de violência é inerente e determinante à ordem de gênero ou a qualquer outra e, sendo assim, não pode ser dispensada ou erradicada. O que Segato postula é que “a moral e os costumes são indissociáveis da dimensão violenta do regime hierárquico” (2003, p. 17)<sup>7</sup>. A violência atua, portanto, como uma espécie de “recicladora diária” da ordem de *status*.

E o que se tem no trecho apresentado é exatamente um costume, uma ordem moral que se reitera nos discursos mais “despreocupados”, os quais garantem, justamente por sua suposta não intenção e naturalidade, o funcionamento do regime de hierarquias. Destaca-se o fato de que é dito que Lola não tem muito o que fazer. Sua vida é esvaziada de sentido porque, dentro dessa economia simbólica de dominação, a vida da mulher é vazia. Quando se interessa por algo, quando pretende sair dessa ordem, João ri. Um riso que condena, que debocha, que transparece a incredulidade na capacidade da mulher em se interessar, em ocupar um espaço prático no

---

<sup>6</sup> “[...] la violencia moral-psicológica- es colocada en el centro de la escena de la reproducción del régimen de estatus, tanto en el caso del orden de género como en del orden racial” (SEGATO, 2003, p. 17).

<sup>7</sup> “la moral y la costumbre son indisolubles de la dimensión violenta del régimen jerárquico” (SEGATO, 2003, p. 17).

mundo, em escapar da vida esvaziada de funções. Antes, Lola é violentada por ser observada como um objeto na sala, objeto inerte que apenas suja o sofá, e que para contornar essa situação não precisa sair de sua condição vazia de existência; é preciso apenas chamar o estofador, e então voltar ao sofá. É preciso apenas cumprir obrigações do lar – que, a partir de sua experiência de gênero, classe e raça, significa contratar um serviço – para que se volte ao vazio, ao nada.

Lola é violentada pelo riso. A deslegitimação daquilo que se deseja é dada através de um riso que a inibe, que a faz corar. Ela mesma chega a duvidar de seu interesse real, e então diz “não sei se vou gostar”. Tal violência, longe de ser individualizada em um comportamento patológico de João, deve ser vista, antes, como uma estrutura social na qual um tipo de masculinidade precisa ser construída baseada no poder – porque se estamos falando sobre um sistema hierárquico, determinado grupo *constrói* seu poder mediante a subordinação forçada de outros – e, para isso, utiliza-se de estratégias múltiplas de intimidação, gerando insegurança e medo (ZAFRA, 2005). As estratégias violentas que darão à masculinidade, compreendida dentro da ordem de *status*, o poder do qual se alimenta, são variadas, assumindo diversas formas – diretas, estruturais ou simbólicas. Nesse sentido, o riso de João integra a simbologia da violência que constrói a própria relação dentro de um contexto hierárquico, heteronormativo e patriarcal, cujo funcionamento garante um padrão de masculinidade (ação) e feminilidade (passividade).

E não é somente a intimidação do riso que violenta nessa passagem. Mais à frente, a narradora conta que, no final das contas, João concordou com que Lola fizesse o curso de corretagem:

João concordou. Não que soubesse de tudo isso, que era isso. Que Lola era assim.

Mas, sim, claro, uma coisa para ela fazer. Olharia menos para a cara dele quando ele chegasse em casa, do trabalho ou das viagens, como se esperando algo que ele não tinha ideia do que fosse, os olhos seguindo colados nele. (VIGNA, 2016, p. 21)

O desinteresse, o desconhecimento, o incômodo da presença de Lola são, por si sós, atos simbólico-violentos, principalmente se partirmos do pressuposto de que se estamos junto a alguém, gostamos e queremos sua companhia, o que seria uma *relação de compartilhamento*, na qual a ordem de *status* é inexistente. Uma relação de compartilhamento não se encaixa dentro da heteronormatividade instituída, a qual atribui papéis de gênero supostamente estáveis e naturais aos sujeitos. Esse sistema de *status*, como bem lembra Segato (2003), é ilegítimo. Segundo a autora,

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

se há algo artificial e ilegítimo dentro da ordem patriarcal, [...] esse algo é precisamente a manobra que instaura sua lei. Essa ilegitimidade originária faz com que, inevitavelmente, os votos de obediência a essa lei e à ordem que ela estabelece devam se renovar diariamente. (SEGATO, 2003, p. 107)<sup>8</sup>

Quer dizer que, para mantermos a vigência dessa lei, práticas instauradoras devem ser repetidas todos os dias, principalmente através de pequenas doses homeopáticas que são reconhecidas pela violência fundante, afinal, “quanto mais dissimulada e sutil for essa violência, maior será sua eficiência para manter desperta e clara a memória da regra imposta” (SEGATO, 2003, p. 107)<sup>9</sup>. Assim, percebe-se que a violência moral é uma das práticas mais eficientes de controle social e de reprodução de desigualdades, aparecendo em coerções de ordem psicológica. A psicanalista francesa Marie-France Hirigoyen (2006) postula que a violência moral de gênero possui diversas facetas, sendo uma delas exatamente a que se percebe nas relações do personagem João, com destaque para aquela estabelecida com Lola, sua então esposa: a recusa em demonstrar qualquer interesse pelas mulheres, a insensibilidade ou falta de atenção para com elas, além da explícita demonstração de rejeição ou desprezo. Para além disso, esse tipo de violência aparece quando se ignoram as necessidades e os sentimentos de outrem, quando se criam situações de falta ou de frustração para alimentar a insegurança em outrem etc. (HIRIGOYEN, 2006, p. 39-40); precisamente o que podemos notar na fala e na atitude de João nos dois trechos citados.

O desprezo e o desinteresse, por serem práticas silenciosas e vinculadas a uma normatização da masculinidade desenvolvida enquanto padrão, são, assim como toda manifestação da violência moral/psicológica, sutis, difusas e onipresentes, conferindo assim grande eficiência no controle das categorizações sociais em situação de opressão e, não à toa, nas relações de gênero, elas se mostram como uma forma de violência “mais maquinal, rotineira e irreflexiva” (SEGATO, 2003, p. 115)<sup>10</sup>. Mas se por um lado tal violência age cotidianamente de maneira silenciosa, nas linhas de Vigna ela ecoa alto. É o que notamos quando a narradora nos conta sobre uma das primeiras viagens a trabalho que João fizera, na companhia de Lola, pouco tempo depois de se casarem. As pequenas agressões são consideráveis:

---

<sup>8</sup> “Si hay algo de artificioso e ilegítimo en el orden patriarcal, [...] ese algo es precisamente la maniobra que instaura su ley. Esta ilegitimidad originaria produce que, inevitablemente, los votos de obediencia a esa ley y al orden que ella establece deban renovarse diariamente” (SEGATO, 2003, p. 107).

<sup>9</sup> “Cuanto más disimulada y sutil sea esta violencia, mayor será su eficiencia para mantener despierta y clara la memoria de la regla impuesta” (SEGATO, 2003, p. 107).

<sup>10</sup> “más maquinal, rutinaria e irreflexiva” (SEGATO, 2003, p. 115).

[...] ela falando uma besteira qualquer, contando um caso qualquer, e ele sorrindo,  *fingindo uma atenção*. E Lola não notaria nada. [...] ela lá, a boca cheia com o bauru, falando, falando mais, olhando em volta, e ele lá,  *neutro*, sorrindo de volta pra ela,  *neutro*, não lá, não naquele dia, lá, com Lola, mas lá em outro dia, no dia da sauna pobre típica,  *Lola sendo um nada que fala* e pra quem ele precisa sorrir de vez em quando.

Lola tentará lembrar. [...] E não lembra se de fato comeu algum bauru em um bar qualquer na entrada de uma galeria qualquer, com João ao lado, olhando para todos os cantos, menos para a cara dela, que  *era como ele sempre fazia*.

E Lola fica com  *vergonha*. Da fala boba dela, da risada, do bauru. Fica com vergonha de estar lá sem saber onde estava, como uma idiota. (VIGNA, 2016, p. 34, grifos nossos)

A apatia de João perante a presença de Lola, perante ao que Lola diz e faz, provoca o questionamento de sua lembrança, bem como a vergonha de si mesma. Ambos os efeitos decorrem, de acordo com Hirigoyen (2006), de uma invasão ou “colonialização” do território psíquico do outro – nas relações de gênero, de um outro mulher ou feminizado. Como se nota, a indiferença de João para com Lola parece diminuir sua capacidade crítica, inserindo-a em uma espécie de transe “que modifica suas percepções, suas sensações e sua consciência” (HIRIGOYEN, 2006, p. 96). É como se o que fosse real fosse apenas a percepção de mundo de João – o neutro genérico, o  *homem universal*. Essa imposição de caminho único, colonizador, é também constatada na relação de João com a própria narradora:

Nas nossas conversas também não espera por ficções da minha parte. Nas nossas conversas ou no que chamo, na falta de melhor palavra, de conversas, sou um par de orelhas. Não existo, de fato.

Podia dizer a ele que me chamo de algum outro nome que não o meu e ele acreditaria.

*Ou seria eu a acreditar.*

E balançaríamos a cabeça em concordância mútua, um na frente do outro, nossos dois nomes, outros.

E dispensaríamos o muito prazer. (VIGNA, 2016, p. 37-38)

A narradora-personagem de Vigna soa como uma voz crítica do sistema de  *status* em muitos momentos. Ela bem sabe o que acontece, como funciona esse sistema. Bem sabe que a mulher se apresenta, dentro das relações hierárquicas de gênero, enquanto uma espécie de território colonizável. Nessa perspectiva, Segato (2003) explica que, nas sociedades que passaram pelo

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna.  *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

processo de colonização, ao se ter rompido com o colonialismo territorial, estabelecendo um sistema de contrato entre os povos, perdurou um colonialismo estrutural, visto a nível discursivo, que é o sistema de *status*. As políticas imperialistas de exploração se beneficiam e rompem, de certa forma, o contrato estabelecido entre as partes. As consequências de uma modernização abrupta e pouco reflexiva, tão característica desses contextos, consistem na abertura de brechas de inquietação social e na “desregulamentação do sistema de *status* tradicional, que expõe seu lado perverso através do qual ressurge o direito natural de apropriação do corpo feminino quando se percebe sua condição de desproteção” (SEGATO, 2003, p. 31)<sup>11</sup>. A modernização que não se constrói no seio da reflexão crítica de determinada cultura, de seu discurso, de seu simbólico, está fadada a deixar o corpo da mulher em estado de vulnerabilidade, fazendo ressurgir um comportamento ligado ao sistema de *status*, posto que não cumpriu seu papel enquanto contrato entre iguais. Considerando as práticas históricas cartesianas que dicotomizam mente e corpo e reduzem a mulher a seu corpo – ademais, sexualizado –, a questão da apropriação do corpo da mulher através da anterior invasão de sua mente não é observável e, normalmente, não é sequer examinada. Porém, é justamente o pensamento binário arbitrário “mente *versus* corpo” que leva a uma naturalização determinante da oposição macho/fêmea (BOURDIEU, 2012, p. 16). São tais concepções que permitem o rechaço e a penetração violenta na mente da mulher; sendo apenas corpo, pressupõe-se que não possui o menor controle sobre seu próprio pensamento, necessitando ele ser guiado por aquele que detém o manejo “natural” da matéria, que é o homem. Por extensão, a manipulação de sua mente faz com que seu corpo seja mantido igualmente sob controle. João, tão acostumado a tornar as mulheres invisíveis em suas relações, só as vê enquanto corpos sexualizados, fato notável em seus contatos com prostitutas: “[João] também achava que, tendo buceta, pensar em pernas, braços e cabeça, ou seja, em uma mulher completa, seria esforço excessivo” (VIGNA, 2016, p. 37). O “também” se refere aos amigos de João, o que nos faz observar o comportamento compartilhado entre os homens da narrativa – ou o que podemos chamar de sócios e semelhantes na fraternidade representada pelos homens dentro da ordem de *status* (SEGATO, 2003, p. 14).

A objetificação das mulheres, principalmente as garotas de programa, é apresentada às leitoras e aos leitores em inúmeras passagens da narrativa.

---

<sup>11</sup> “[...] desregulación del sistema de estatus tradicional, que deja expuesto su lado perverso, a través del cual resurge el derecho natural de apropiación del cuerpo femenino cuando se lo percibe en condiciones de desprotección [...]” (SEGATO, 2003, p. 31).

Uma chama a atenção por confundir o corpo da mulher com os elementos de uma boate:

João chega na Love Story.

O néon apaga e acende, apaga e acende, em duas sequências de tempo diferentes, vermelho e amarelo, o que faz com que uma bunda e dois cálices de martini se mexam sem sair do lugar.

Os cálices são simétricos. O centro é a bunda. (VIGNA, 2016, p. 55-56)

Os cálices estão ali para comportarem bebidas a serem consumidas e as bundas estão ali para serem igualmente consumidas. Afinal de contas, “se trata de *uma transação comercial como outra qualquer* e o que vale não é o tostão a mais ou a menos, mas a superioridade intrínseca de quem leva vantagem em uma negociação” (VIGNA, 2016, p. 87, grifos nossos). Analisando estritamente do ponto de vista do trabalho, e considerando uma leitura marxista dos termos, vê-se que o corpo lançado enquanto mão-de-obra – e, assim, compulsoriamente inserido na ordem do capital – torna-se mercadoria e, quando falamos do corpo da mulher, devemos considerar a economia patriarcal, a qual traz consigo a noção de troca e uso do corpo das mulheres por parte do sistema de *status* ou dominação masculina (FERRARA, 2019, p. 89).

Outra vez, a inexistência da mulher quando não em relação de submissão ao homem, dentro da ordem hierárquica que constrói os papéis de gêneros e que também rege uma percepção do trabalho como um corpo-mercadoria desprovido ou despossuído de si mesmo, estampa-se no cotidiano de João, seja com Lola, seja com as garotas de programa:

A casa bem montada em que há uma extensão dele mesmo, Lola, encarregada de sorrir quando ele chega, ir com ele ao cinema, trepar eventualmente com ele, cuidar de uma criança. Em suma, manter tudo exatamente da mesma maneira que tudo sempre foi e é, porque é preciso que algo se mantenha estável. Já que não o ar espesso, brilhante, o verniz que cobre os ambientes de cores quentes em que habitam esses seres que nem existem de fato, e que só materializam a partir de condições específicas de energia cósmica. As garotas de programa. (VIGNA, 2016, p. 134)

A violência moral que se observa na estrutura da construção dos papéis de gênero evidencia-se, nesse momento, através da narrativa que reúne seus indicadores constitutivos mais óbvios, como a esposa, em casa, que lhe serve de companhia e lhe oferece o sexo, e as prostitutas que sequer existem quando não são solicitadas por seu desejo sexual. Para além disso, somos lembradas e

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

lembrados, às vezes, mas somente às vezes, de que João e Lola têm um filho. Somos lembradas e lembrados às vezes, e somente às vezes, da mesma maneira que João também se lembra do filho às vezes, e somente às vezes. Lola é quem cuida, e fora disso não há opção para ela. Lola não pode lembrar da existência do filho somente às vezes. O trecho em destaque nos leva à reflexão acerca da questão do cuidado e da atribuição de responsabilidades em nossa sociedade. De acordo com Biroli:

As atividades realizadas *em prol de outras pessoas* assumem padrões condicionados pelas hierarquias de raça e classe. É importante, também, pensarmos na variedade dessas atividades. Embora existam diferenças importantes entre as que são exercidas no cotidiano da vida doméstica, [...] não se pode deixar de considerar que todas elas implicam envolvimento, tempo e energia de quem as realiza. Em todos os casos, alguma atividade está sendo realizada *em prol de outra pessoa e para a sua vantagem*, e, ainda que isso tenha significados muito distintos [...], o fato é que alguém despende tempo e energia para dispensar um cuidado – no mais das vezes, uma mulher [...]. (2018, p. 69)

Vemos, então, que a estrutura social converge para que mulheres sejam responsabilizadas pelos cuidados de outrem – seja esse outrem uma criança, um homem, um idoso etc. Dessa forma, os arranjos familiares se ancoram na perspectiva de não apenas a estabilidade do lar e da vida do homem ser garantida pela mulher, mas também na de que os filhos são de responsabilidade exclusiva das mães, reproduzindo uma ordem em que o homem dissipa a possibilidade de um vínculo afetivo sério com filhos e esposa. O argumento se torna perceptível na seguinte passagem:

João quer comprar um presente para o filho.  
Um CD de música. Não tem a menor ideia do que o filho gosta. [...].  
Depois desiste.  
Compra uma T-shirt de universidade americana. [...]. E João compra do tamanho errado. Fica justa no filho. É usada poucas vezes, mais para não fazer desfeita ao pai, e depois some. (VIGNA, 2016, p. 144)

A despreensão e a despreocupação de João em relação à família, nota-se, não é recíproca. Há a necessidade em não se fazer desfeita ao pai. Vemos a ordem da afetividade construída como uma via de mão única na qual o homem, ou o ser representante da superioridade masculina recriada cotidianamente, não tem qualquer obrigação de se fazer gostar, de agradar, de dar afeto. Seu lugar dentro do sistema de *status* é violentamente construído

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

para que seja garantido a ele o incontestável privilégio de ser agradado sem precisar agradar. São nas pequenas agressões cotidianas que tal privilégio é construído, conquistado, já que o psicológico do outro é invadido, silenciado, deturpado em sua percepção de mundo, despossuído de sua existência e circunscrito em um corpo objetificado, sexualizado, tornado mercadoria. Isso significa que aquilo que se obtém através da conquista, precisa ser reconquistado diariamente, e isso demanda que a violência, independentemente da faceta que assume, seja rotineira. Nesse sistema que está sempre a ponto de colapsar, “de onde o poder sempre corre risco, não existe possibilidade alguma de reprodução pacífica” (SEGATO, 2003, p. 258)<sup>12</sup>. Logo, a todo momento essas agressões são apagadas e reintroduzidas, das mais diversas formas, nos instantes posteriores. Como se estivéssemos em palimpsesto.

#### DESESTRUTURAS E DESARTICULAÇÕES: ABERTURA DE CAMINHOS PLURAIS

A composição da narrativa de Vigna permite a compreensão das estruturas que regulam as relações de gênero, e, da mesma forma, faz com que internalizemos novos modelos de afetividade que buscam a superação do sistema de *status*, e a voz dada à narradora-personagem é imprescindível nessa leitura. A crítica explícita que se desenha em sua fala, às vezes irônica, descortina as práticas cotidianas que mantêm a ordem hierárquica do sistema. É como quando fala sobre o trabalho que exerce junto a João e da posição do colega na editora: “Os autores da casa o esnobam, ele vem de TI, o que é sinônimo de não intelectual, não criativo, não sensível. Tudo verdade. Mas não o esnobo. Não porque não gostaria, mas porque não posso. Nem ele nem ninguém” (VIGNA, 2016, p. 47).

Primeiro, destaca-se que João é depreciado por autores que não encontram, nele, intelectualidade respeitável. Autores. No masculino. Caso haja uma mulher no grupo, é tornada invisível pela língua. Mas o que faz pensarmos que não há, é o fato mesmo de a narradora constatar, logo após, que a ela não é permitido debochar nem de João nem de ninguém. Talvez porque o deboche, que, como vimos, violenta a moral do outro, não esteja na ordem das atitudes previstas ou permitidas pelo sistema a uma mulher. Embora não verbalize a crítica, manifesta-a através do emaranhado de

---

<sup>12</sup> “[...] donde el poder siempre corre riesgo, no existe posibilidad alguna de reproducción pacífica” (SEGATO, 2003, p. 258).

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

acontecimentos e conclusões que fulguram no texto. A crítica à violência implícita na linguagem aparece outra hora, corroborando nossa leitura:

Lola ia receber um prêmio. Melhor Corretora. E é sempre uma dificuldade. Porque o prêmio se chama Melhor Corretor e na hora que chamam Lola no palco aparece a complicação.

“E agora, o prêmio de Melhor Corretô.”

Uma pausa.

“Ra.”

E o sorriso mais largo do que precisava, para cobrir o embaraço. (VIGNA, 2016, p. 147)

A passagem lança luz à questão da suposta neutralidade da língua que, ao constantemente masculinizar o discurso quando este pretende designar os gêneros em geral, torna as mulheres e as feminizações invisíveis. A articulação da língua violenta porque, nesse caso, parece não ver possibilidade de haver um prêmio de Melhor Corretora. Porque é tido como natural que se silenciem as mulheres na vida pública e, quanto mais, na premiação do exercício que promovem nessa vida pública. A língua pode, então, tornar incompatíveis mulheres e vida pública, mulheres e destaque no exercício de uma vida pública. Essa é, conforme destaca Jennifer Coates em *Women, men and language* (2004), uma das maneiras pelas quais a violência de gênero opera, já que afeta a autoimagem da mulher e sua percepção de mundo. Trata-se de um artifício do qual se retroalimenta o sistema de dominação.

Ainda nesse trecho, nos deparamos com Lola vencendo um prêmio atrelado à profissão que decidira escolher no início do texto, que é quando João ri. Lola, aqui, representa a resistência e a subversão da ordem prática e discursiva. É nesse sentido que a autora chama a atenção tanto para o sistema hierárquico de gênero, bem como para as variadas alternativas de ação por parte das mulheres.

Outro ponto relevante trazido por Vigna e que desarticula a dominação masculina é a crítica da narradora à heteronormatividade. Quando se refere a João, sabe que o olhar dado a ela a partir da perspectiva dele é construído dentro de uma heteronormatividade, entendida aqui como uma fabricada padronização de sexualidade que gerencia a organização da sociedade mediante as experiências das relações heterossexuais baseadas no sistema de *status*, isto é, na hierarquia de gêneros. A heteronormatividade é, então, responsável por ditar como os “sujeitos devem viver seus desejos e expressar suas sexualidades, e além de tudo, como devem habitar seus corpos” (REIS; TEIXEIRA; MENDES, 2017, p. 2). Considerando as postulações de Michel Foucault (2018), que propõe a sexualidade como um dispositivo determinante

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

de verdades sobre os seres, percebe-se que nas relações há um certo tipo de controle da expressão sexual e, ademais, uma conseqüente pressuposição de discursos verdadeiros que permeiam essa mesma expressão. Dentro dessa lógica, João tem sua certeza acerca da orientação sexual da narradora: considera-a lésbica, posto que não a enquadra nos padrões exigidos nas relações heteronormativas. A partir daí, conjectura muitas outras coisas que imagina estarem vinculadas ao comportamento de uma mulher lésbica – tudo isso de acordo com sua percepção heteronormativa de mundo:

Tenho vinte e poucos anos e moro com Mariana, fato de conhecimento de João, que deduz, a partir daí, que sou lésbica. Sendo lésbica, ele também deduz, sou uma pessoa vivida, que saberá como são os fatos da vida. E sendo uma pessoa vivida que saberá como são os fatos da vida, sei sem dúvida apreciar a vida dele, João, que não é que seja uma vida legal apesar de ele ter feito programas com garotas de programa sua vida inteira. A vida dele é uma vida legal porque ele fez programas com garotas de programa sua vida inteira. Não apesar de. Porque. Sublinha o porque. (VIGNA, 2016, p. 50)

E João deduz tudo isso porque vê o mundo heteronormativo binário, no qual a experiência lésbica, para se encaixar nesse mundo, deve necessariamente estar subordinada à experiência do homem heterossexual. As deduções de João são detalhadas pela narradora no trecho seguinte, no qual é construído um retrato da padronização do comportamento esperado dentro da heteronormatividade:

Sou lésbica, o que ele notou por causa da irritação que qualquer um veria entre mim e o Arquiteto, durante a visita profissional ao escritório dele uns meses antes. E sou lésbica também porque uso botas, calça preta de napa, camisa masculina sem sutiã, cabelo curto. E porque não escondo uma raiva do mundo que não há jeito de conciliar com qualquer ideia de feminino que ele possa ter.

Meiguice e carinho, ternura e delicadeza, batonzinho e hihhi com a mão na frente da boca, enquanto tremo longas pestanas em olhos grandes e sonhadores.

Não eu.

Então, lésbica. (VIGNA, 2016, p. 81-82)

Como se vê, o dispositivo da sexualidade age no controle da expressão sexual, do comportamento e da expressão corporal, refletida até mesmo no tipo de roupa utilizada. Em um mundo binário, não existem possibilidades, pluralidades de experiências e existências. Ou se é uma mulher que

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

corresponde aos padrões da feminilidade instituída, ou se é lésbica. E se se é lésbica, então se reproduz a sexualidade do homem hétero, em uma espécie de encenação, mimética sexual. As diversas alternativas de vivência são apagadas nesse contexto. E a subversão trazida pela narrativa é exatamente o momento de exposição desse sistema, e toda a crítica implícita a essa mesma exposição, que chega mesmo a ser uma espécie de ridicularização do *status*.

Uma última questão a ser considerada como uma proposição de um novo modelo de afetividade presente na obra de Vigna é trazida pela personagem Lurien, que desenreda a ordem binária que rege o sistema hierárquico de gêneros e incorpora em si a subversão dessa ordem – afetando, finalmente, o próprio João. Apresentada/o como a/o não-circunscrita/o, Lurien é assim narrada/o:

Lurien é uma tradução em andamento, digo. Não só porque é uma pessoa, portanto anda, está em estado de andamento, mas principalmente porque é uma tradução nunca terminada. [...] Ele não se traduz de uma coisa para a outra e o mundo não é binário. [...] No tema da liberdade, da transgressão, coisas que João buscava para ele mesmo através de suas garotas de programa, Lurien deve ter sido um banho de água fria. Transgressão é a de Lurien. É a de ser ele mesmo. A de não se submeter a formatações. Sequer a dois gêneros disponíveis na língua latina que lhe coube. Nos coube. (VIGNA, 2016, p. 113-114)

Tratando-se de uma pessoa que subverte a ordem de gêneros, que transita sem se circunscrever a um ou a outro porque entende a pluralidade das possibilidades, Lurien afeta João e renova suas afetividades. Renova porque não faz mais parte da fraternidade que se pressupõe entre homens, nem da competição verificada dentro dessa fraternidade, e também não faz parte da relação que hierarquiza os gêneros. Segundo a narradora:

Lurien pode ter sido um espanto e um conforto para João. Lurien, ao lado de João, na casa de um ou de outro, vendo jogo de futebol, filme, seriado idiota, palavrões, cerveja e a comemoração do gol com Lurien levantando os braços, discreto, o sorriso embaixo da sobancelha feita. Nenhuma competição. Impossível, a competição. Nenhum exercício possível de poder. E nenhum medo. (VIGNA, 2016, p. 187)

É claro que o fato de João deixar-se afetar por Lurien é mais do que necessário para que seja vislumbrada uma desarticulação do sistema de *status*, e essa é uma das forças desses momentos finais da narrativa. Sabemos que pessoas que desafiam a ordem dos gêneros comumente têm respostas agressivas daqueles que querem manter essa mesma ordem, os quais, na

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

maioria das vezes, ocupam posições privilegiadas. Mas o esforço de Vigna é de trazer as vidas e as experiências marginalizadas pelo sistema ao real, à vida material e cotidiana, retirando-as da esfera da mitologização, especulação ou mesmo invisibilidade. Seria dado, aqui, o retrato de “uma pessoa viável” (VIGNA, 2016, p. 187), não mais um pária, alguém isolado das relações reais entre os seres. A partir de uma leitura analítica de uma obra que traz consigo uma crítica contundente a esse sistema e seus esquemas de manutenção, vê-se que o trabalho de escrita de Vigna oferece caminhos e alternativas para desestruturá-lo, torná-lo obsoleto e sem sentido. O primeiro passo é, como vimos figurar na relação de João com Lurien, considerar a vida enquanto vida vivida, experiência sentida, e não mais verdades impostas e reproduzidas por uma ordem de *status*. É olhar ao próprio redor, afinal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que tece Elvira Vigna nas páginas de *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016) exprime uma norma, um padrão, e ao mesmo tempo produz uma crítica que nos permite imaginar novos modelos de afetividade que possam desestruturar essa mesma normatividade. Muitos outros pontos mereciam ser tratados de maneira analítica, entretanto, as complexidades do tema da violência de gênero na obra não se acomodam a uma breve análise como esta, necessitando de um estudo mais extenso e mais aprofundado. Por ora, devemos compreender que a composição das cenas busca expressar não um comportamento isolado, um caso patológico figurado em João. Ao contrário, os amigos do personagem, como é o caso de Cuíca, são todos construídos de uma maneira semelhante, dentro de um sistema que pressupõe uma construção quase estática dos papéis de gênero em nossa sociedade. É importante considerar que quando tratamos a violência de gênero do ponto de vista da patologia ou do caso individual, a tendência é que se isole esses casos da vida comum, do cotidiano, dando a entender que se trata de algo fora da normalidade e impedindo que o problema seja tratado desde sua raiz. A violência de gênero é, na verdade, a norma e não algo fora dela, e sua ocorrência mais perceptível, que é a violência físico-sexual, é apenas a ponta do *iceberg*. Por isso, é necessária a investigação sobre as formas da violência, já que é apenas desta maneira que veremos o quão fundamental ao sistema são suas práticas silenciosas.

Finalmente, a obra de Vigna nos permite compreender o sistema de *status*, herança amarga do patriarcado, enquanto um sistema simbólico, levando-nos a pensar que, como orienta Segato (2003), se quisermos, de fato, erradicar quaisquer práticas e resquícios da ordem patriarcal de nossa

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

afetividade, é necessário que modifiquemos não apenas nossas posturas, comportamentos etc., mas sim que desestabilizemos e desgastemos até o último grau os fundamentos e a ideologia emanadas dessa ordem. Nada diferente daquilo que a autora nos oferece em seu escrito: desestruturação da ordem através da exposição das práticas contidas nela, bem como a crítica categórica das mesmas.

## REFERÊNCIAS

BIROLI, F. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COATES, J. *Women, men and language: a sociolinguistic account of gender differences in language*. 3. ed. London: Routledge, 2004.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

FERRARA, J. A. *Literatura, gênero e política na América Latina: conexões entre Pagu e Blanca Luz*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9340>>. Acesso em: 17 maio 2019.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

HIRIGOYEN, M. F. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MIGUEL, L. F. O feminismo e a política. In: \_\_\_\_; BIROLI, F. (Orgs.). *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17-30.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Tradução Marta Avancini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RAMA, A. *A cidade das letras*. Tradução Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.

REIS, C. R. S.; TEIXEIRA, S. A.; MENDES, B. G. Heteronormatividade: implicações psicossociais para sujeitos não-heteronormativos. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, v. 5, n. 3, jul. 2017. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/292>>. Acesso em: 17 maio 2019.

SEGATO, R. L. *Las estructuras elementales de la violencia*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

VIGNA, E. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ZAFRA, R. *Las cartas rotas: espacios de igualdad y feminización en internet*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2005.

JÉSSICA ANTUNES FERRARA é mestre em Estudos Literários - Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais - pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2019). Atualmente é aluna do programa de doutorado em Estudos Literários - Literatura, Crítica e Cultura - pela mesma instituição. Desenvolve pesquisa com foco em Literatura Comparada, Crítica Social e Estudos de Gênero na América Latina. Dentre suas publicações, estão os artigos "Diálogos entre colonialidade e gênero" (*Estudos Feministas*, 2019) e "Escrita e reinvenção de si: caminhos para uma prática discursiva feminista" (*Garrafa*, 2019).

SILVINA LILIANA CARRIZO é mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1997) e doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2004), com pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014) e pela Universidade Federal de Minas Gerais (em andamento). Atualmente, é professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na Faculdade de Letras, na Licenciatura em Espanhol e suas Literaturas e na Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Atua principalmente nos seguintes temas: latino-americanismo, indigenismo, regionalismo, mestiçagem, literatura brasileira, a narrativa de 1930 e as suas relações com a contemporânea, poéticas da migração, textualidades indígenas, linguagens mestiças nas Américas. Dentre suas publicações, estão o artigo "De imigrantes e mulatas" (*ANPOLL*, 1999) e o livro *Fronteiras da imaginação. Os românticos brasileiros: mestiçagem e nação* (Niterói: EdUFF, 2001).

FERRARA, Jéssica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Palimpsesto de agressões cotidianas: a estrutura da violência de gênero em Elvira Vigna. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 2 (2019), p. 117-137.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 03 set. 2019.